

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Aline Melo de Almeida Medeiro

ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO NO BERÇÁRIO:
um estudo a partir das percepções docentes

Porto Alegre
2023

Aline Melo de Almeida Medeiro

ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO NO BERÇÁRIO:
um estudo a partir das percepções docentes

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dr.^a Bianca Salazar Guizzo

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Medeiro, Aline Melo de Almeida
ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO NO BERÇÁRIO: um estudo a
partir das percepções docentes / Aline Melo de Almeida
Medeiro. -- 2023.
45 f.
Orientadora: Bianca Salazar Guizzo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. adaptação. 2. acolhimento. 3. docência. 4.
bebês. 5. família. I. Guizzo, Bianca Salazar, orient.
II. Título.

Aline Melo de Almeida Medeiro

ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO NO BERÇÁRIO:

um estudo a partir das percepções docentes

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licencianda em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia, obtendo conceito A.

Porto Alegre, 10 de abril de 2023.

Banca Examinadora:

Dr^a. Bianca Salazar Guizzo, orientadora.
(FACED/UFRGS)

Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho
(FACED/UFRGS)

Me. Jaime Eduardo Zanette
(Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo)

Dedico este trabalho a Deus e a todos que um dia acreditaram na minha capacidade de alcançar os meus maiores sonhos, é graças a vocês que jamais desisti e agora finalizo mais está linda etapa em minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar comigo em todos os momentos, me dando força e coragem para prosseguir. Ao longo desses anos, ele me provou mais uma vez que seus planos são maiores do que eu posso imaginar.

Aos meus pais, Marino e Cleneci, que sempre estiveram ao meu lado acreditando nos meus sonhos, fazendo tudo que estava ao alcance deles para que eu pudesse conquistar este grande sonho.

Ao meu pai agradeço cada ditado e tabuada que fez comigo, me ensinando tudo o que sabia. À minha mãe, que sempre me incentivou a estudar mesmo sem saber ler direito, sempre me acompanhou no tema de casa e na escola. Obrigada, mãe, por sempre acreditar no meu potencial.

Às minhas irmãs, Alana e Amanda, por me ouvirem em todos os momentos, sendo eles fáceis ou difíceis, esta conquista também é de vocês.

Ao meu marido, Rafael, que me confortou com suas palavras de conselho e carinho durante toda a trajetória deste curso. Obrigada pela paciência, apoio e compreensão durante esta caminhada.

A todas as professoras que aceitaram participar desta pesquisa, meu eterno agradecimento por terem dividido comigo suas experiências.

A todos os professores que passaram pela minha vida, em especial ao meu orientador de TC 1 professor Gabriel de Andrade Junqueira Filho e, claro, à professora Bianca Salazar Guizzo que aceitou estar comigo na escrita do TC 2. Obrigada por cada palavra e incentivo, sem vocês não teria conseguido.

E, por fim, a todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para me constituísse professora em minha trajetória de formação, em especial às crianças que passaram pelas salas de aula onde estive presente.

“A curiosidade é um impulso para aprender.”

(Maria Montessori)

RESUMO

A adaptação de bebês e suas famílias à escola de Educação Infantil é um dos momentos mais importantes na vida de uma criança e sua família, desta forma o presente trabalho tem como principal objetivo conhecer e analisar as práticas, seus sentidos e significados, utilizadas por profissionais que atuam em escolas de Educação Infantil públicas e privadas, no processo de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias. A partir desse objetivo principal, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: 1) identificar as ações e posturas docentes no período de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias; 2) e descrever como se dá a relação com as famílias no processo de adaptação/acolhimento. Para dar conta destes objetivos, metodologicamente, foram realizadas cinco entrevistas com professoras que atuam ou já atuaram em turmas de berçários vinculadas às escolas infantis. A partir das entrevistas realizadas, foram estabelecidas duas categorias analíticas, quais sejam: 1) a primeira refere-se às ações e posturas docentes no período de adaptação e acolhimento dos bebês e suas famílias; 2) a segunda diz respeito à relação com as famílias no processo de adaptação. Os resultados da pesquisa mostraram que desse modo, para realização dos processos de adaptação/acolhimento das crianças, os/as professores/as devem estar realmente dispostos/as a reinventar no cotidiano, conhecendo as crianças com quem convivem diariamente e acreditando em seus potenciais. Além do que, é preciso estabelecer uma parceria mais tranquila possível com as famílias, entendendo que elas também fazem parte deste processo e, por isso, requerem atenção e cuidado.

Palavras-chave: Adaptação. Acolhimento. Docência. Bebês.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Tabela de descrição das entrevistadas	24
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

TC 1 – Trabalho de Conclusão 1

TC 2 – Trabalho de Conclusão 2

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	UMA COMPOSIÇÃO DE REFERÊNCIAS	14
2.1	ADAPTAÇÃO	14
2.2	ACOLHIMENTO	15
2.3	AFETO.....	16
2.4	FAMÍLIA.....	17
2.5	PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO.....	17
2.6	ESCOLA.....	18
3	CAMINHO METODOLÓGICO.....	21
3.1	ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NA PRODUÇÃO DOS DADOS.....	21
3.1.1	As entrevistas	23
4	ANÁLISES DA PESQUISA.....	26
4.1	AS AÇÕES E POSTURAS DOCENTES NO PERÍODO DE ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO DOS BEBÊS E SUAS FAMÍLIAS	26
4.1.1	Pensando as práticas com bebês durante a adaptação	27
4.1.2	No que se fundamentam as práticas	28
4.1.3	Quem é o adulto referência na adaptação?	29
4.1.4	O pedagógico com o cuidado.....	31
4.2	RELAÇÕES COM AS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO	31
4.2.1	Inclusão da família no processo de adaptação	32
4.2.2	Dificuldades em relação à família no processo de adaptação e acolhimento	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	41
	APÊNDICE B –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	43

1 INTRODUÇÃO

A adaptação de bebês e suas famílias à escola de Educação Infantil é um dos momentos mais importantes na vida de uma criança e sua família, desta forma o presente trabalho, surgiu a partir de questionamentos que trago comigo. Durante minhas experiências, como auxiliar em turmas de berçários em algumas escolas de Educação Infantil públicas e privadas, onde trabalhei durante oito anos, pude vivenciar momentos de adaptação e acolhimento.

Durante um, dentre estes oito anos de experiência docente, atuei como professora titular de uma turma de maternal 1, com crianças de idade entre dois e três anos. Em outro ano, atuei como professora titular de uma turma de pré-escola, com crianças de quatro a cinco anos. Em todas as experiências, vivenciei as mais variadas realidades no que diz respeito à adaptação e ao acolhimento.

Nestes diferentes contextos, deparei-me com algumas práticas das quais, muitas vezes, discordava, no entanto, por ordem de superiores, como professoras titulares e coordenadores/as pedagógicos (pedagogos por formação) acabava acatando-as e realizando-as/reproduzindo-as.

Uma dessas práticas, realizadas em algumas das escolas em que trabalhei por algum tempo, foi a de deixar os bebês o tempo todo nos berços, sem permitir que interagissem entre si, ou simplesmente que explorassem o ambiente. Quando os questionava sobre o sentido desta prática, o argumento mais recorrente era que assim conseguiam manter em segurança os bebês, tendo controle de onde estavam e até onde eles poderiam ir.

Muitos destes momentos fizeram-me questionar o porquê da escolha de algumas práticas utilizadas em escolas públicas e privadas no processo de adaptação e acolhimento. Diante deste questionamento, então surgiu o presente problema de pesquisa: “Quais as escolhas, reveladas a partir de falas e práticas, que as docentes investem no processo de acolhimento e adaptação de bebês e suas famílias nas instituições de Educação Infantil?”. A partir deste questionamento, busquei estratégias de pesquisa (as quais serão descritas mais adiante) para respondê-lo, trazendo aspectos e apontamentos relevantes para a temática das relações entre escola e famílias, no que diz respeito à adaptação e ao acolhimento.

Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho é: conhecer e analisar as práticas, seus sentidos e significados, utilizadas por profissionais que atuam em escolas de Educação Infantil públicas e privadas, no processo de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias. E seus objetivos específicos são: 1) identificar as ações e posturas docentes no período de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias; 2) e descrever como se dá a relação com as famílias no processo de adaptação/acolhimento.

Nesse sentido, esta pesquisa se justifica socialmente pelo fato de que no processo de adaptação/acolhimento escolar a Educação Infantil constitui um espaço importante à “descoberta do mundo” para os bebês. Sendo assim, a escola de Educação Infantil deverá delinear estratégias e planejar com sua equipe práticas adequadas ao acolhimento e à adaptação das famílias e dos bebês; a fim de proporcionar integração entre família, escola e comunidade e que conjuntamente, estas possam oferecer o que a criança necessita para sua felicidade e seu desenvolvimento integral. (CRAIDY, 2001).

Além disso, acrescenta-se a relevância acadêmica, visto que este trabalho cogita gerar e organizar conhecimentos relevantes acerca do assunto, fornecendo aspectos que servirão de abertura para novas reflexões sobre as práticas nos processos de adaptação e acolhimento em instituições de Educação Infantil; temática está muito importante, não só para educadores e alunos do curso de Pedagogia, como também para pais e familiares.

Contudo, para a realização da presente pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico, em que foram consultados produções científicas e acadêmicas, tais como: livros, artigos científicos, revistas e dissertações. Além do que, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professoras que atuam ou atuaram com turmas de berçário durante os processos de adaptação/acolhimento.

Para dar conta do que este trabalho se propôs, ele foi subdividido em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, que compõe a “Introdução” são apontadas algumas considerações iniciais a respeito da presente pesquisa, sobre a minha relação com a temática central, sobre as motivações que me levaram a delinear-la da maneira como o fiz. Também explico a pergunta e os objetivos de pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado “Uma composição de referências” é apresentada a base teórica do trabalho, a qual foi escrita a partir de referenciais bibliográficos recentes que abordam discussões sobre adaptação e acolhimento na

Educação Infantil. Neste capítulo, procurei apresentar conceitos caros a esta pesquisa.

No terceiro capítulo, é apresentado o “Caminho metodológico” utilizado e seus desdobramentos para a realização deste trabalho. No quarto capítulo, intitulado “Análises da pesquisa”, são apresentados, então, os resultados e as discussões desenvolvidos a partir do material empírico da pesquisa, ou seja, as entrevistas em articulação com o referencial teórico estudado para esta investigação. As análises foram divididas em duas secções: 1) “As ações e posturas docentes no período de adaptação e acolhimento dos bebês e suas famílias”; 2) “Relações com as famílias no processo de adaptação/acolhimento”.

Concluindo, então, no quinto capítulo trago algumas “Considerações finais”, seguidas das referências utilizadas neste trabalho.

2 UMA COMPOSIÇÃO DE REFERÊNCIAS

Neste capítulo, serão apresentados os conceitos centrais necessários para dar sustentação e fundamentação teórica, a temática apresentada nesta pesquisa que é a adaptação e o acolhimento de bebês e suas famílias em escolas de Educação Infantil. Para tanto, dividirei este capítulo em seis seções, divididas da seguinte maneira: 2.1) Adaptação, 2.2) Acolhimento, 2.3) Afeto, 2.4) Família, 2.5) Professor e sua formação e 2.6) Escola.

2.1 ADAPTAÇÃO

Adaptação, segundo o dicionário online (ADAPTAÇÃO, 2022) é ação de adaptar, resultado desta ação. Adaptação ao meio, ação modificadora dos fatores externos sobre o comportamento e a estrutura dos organismos vivos. Integração de uma pessoa ao ambiente onde se encontra. Portanto, “[...] a adaptação (o conhecimento dos ambientes, das pessoas...) pode começar antes do fatídico momento em que se é “obrigado” a se inserir na escola”. (STACCIOLI, 2013, p. 127).

Ao refletir sobre essa questão, Rapoport e Piccinini (2001) indicam ser necessário considerar no processo de adaptação, três dimensões que se correlacionam: criança – família – escola, pois, tais mudanças de rotina e convívio ocorrem na família também, que estabelece relações importantes com as professoras.

Nessa perspectiva, ao tratar sobre a adaptação, a contribuição de Rapoport (2005) e Rapoport e Piccinini (2001), esclarece e influencia a discussão a respeito do processo de adaptação da criança na escola. Diante de tais obras é possível problematizar como termo adaptação ainda está atrelado à imagem de que é a criança quem se adapta ao meio, transferindo para ela a responsabilidade do sucesso ou insucesso do processo.

Importante destacar que por muitas vezes mesmo após adaptada por um longo tempo, por fatores externos ou não, a criança necessite recomeçar o processo de adaptação. (RAPOPORT, 2017).

Portanto, o momento da “[...] adaptação é difícil não só para a criança, mas também para a família e para o educador, pois implica reorganizações e transformações para todos.” (RAPOPORT, 2017, p. 54), assim permitir que a criança mantenha seu jeito de ser e sua rotina individualizada, para então gradualmente se

ajustar ao grupo, permite uma transição mais suave para todos os envolvidos. (ORTIZ, 2000).

Hoje, para além da adaptação, tem-se falado em processo de acolhimento, o que envolve, por parte da escola, um olhar e uma escuta atenta não somente para as crianças, mas também para as suas famílias. Justamente por isso é que optei por usar de forma conjunta os termos adaptação e acolhimento. Embora, os dois estejam diretamente articulados, é sobre acolhimento que abordarei na próxima seção.

2.2 ACOLHIMENTO

Apesar de a palavra adaptação estar presente no cotidiano de professores/as, muitos/as preferem ressignificá-la e optam por utilizar conjuntamente o termo acolhimento para se referir ao processo de ingresso da criança na escola de Educação Infantil. Segundo Staccioli (2013, p.25), o acolhimento decorre de “um método de trabalho complexo, um modo de ser do adulto, uma ideia chave no processo educativo”, desta forma ele sempre está integrado ao trabalho educativo, onde o professor/a e todos os/as demais educadores/as presentes na escola devem proporcionar um local acolhedor, motivador e repleto de intencionalidade.

Para Staccioli (2013), o acolher é uma competência do adulto, o/a professor/a precisa estar sempre atento a suas atitudes e a seus comportamentos. Um dos pontos ao qual deve prestar atenção é o reconhecimento da criança como um sujeito de direitos, respeitando as suas individualidades e acolhendo-a. Outro ponto a que se deve estar atento/a vincula-se à importância de as ações de acolhimento abrangerem toda a família, uma vez que ela faz parte do mundo da criança.

O autor ainda argumenta que

acolher uma criança é também acolher o mundo interno da criança, as suas expectativas, os seus planos, as suas hipóteses e as suas ilusões. Significa não deixar passar, como se fosse tempo inútil, o tempo que a criança dedica às atividades simbólicas e lúdicas, ou o tempo empregado para tecer relações “escondidas” com outras crianças. (STACCIOLI, 2013, p. 28)

Desse modo, para realização do acolhimento das crianças, os/as professores/as devem estar realmente dispostos a se (re)inventar no cotidiano, conhecendo as crianças e acreditando em seus potenciais.

O acolhimento pode estar focado em diferentes pontos como os descritos a seguir:

- o da criança, pelo significado e emoção despertados pela passagem de um espaço seguro e conhecido para outro em que é necessário um investimento afetivo e intelectual para poder estar bem;
- o das famílias, que compartilham a educação da criança com a creche/pré-escola;
- o do professor, que recebe uma criança desconhecida e ainda tem as outras do grupo para acolher;
- o das outras crianças, que estão chegando ou que fazem parte do grupo e precisam encarar o fato de que há mais um com quem repartir, mas também com quem somar;
- o da instituição, nos aspectos organizacional e de gestão, que precisam prever espaço físico, materiais, tempo e recursos humanos capacitados para essa ação. (ORTIZ, 2000).

Por fim, cabe reiterar que no processo de adaptação precisará haver acolhimento que está ligado ao entendimento de obter proteção, conforto, tranquilidade e amparo. Justamente por isso é que precisamos ter o entendimento de que o acolhimento não se dá apenas nos primeiros dias de ingresso das crianças e de suas famílias nas escolas, mas deve permear todo o ano letivo.

2.3 AFETO

Considera-se a afetividade de extrema importância para o processo de adaptação/acolhimento, pois as crianças são muito sensíveis a sentimentos e emoções. Segundo Reda e Ujiie (2009, p.06), “Criar um clima propício de aproximação não é tão simples. É preciso um olhar cuidadoso e atento para perceber o que aproxima as crianças. Esse tipo de ação contribui para a consolidação de vínculos afetivos e de vivência.”, pois sem afetividade, o processo de adaptação/acolhimento não fluirá de modo positivo e prazerosa.

Segundo as contribuições de Gonzalez-Mena e Eyer (2014), pode-se afirmar a importância da relação da escola e o quanto os momentos do cotidiano escolar podem contribuir para a construção de um vínculo afetivo na relação criança-professora. Relações estas que acontecem no cotidiano da escola, onde docentes têm a possibilidade de conhecer melhor os bebês a partir da construção de um vínculo permeado pela confiança e pelo afeto.

2.4 FAMÍLIA

É indiscutível que a família também deve fazer parte do processo de adaptação/acolhimento das crianças tanto nos primeiros dias de ida à escola, como ao longo de todo o ano. De acordo com os autores Bove (2002), Staccioli (2013) e Barbosa (2010) as famílias e sua participação no processo de adaptação/acolhimento são de extrema importância, já que estas devem ser vistas como colaboradoras, coautoras do processo educacional de seus filhos. Além do que, como afirma Barbosa (2010, p. 4), “[...] é preciso sintonia [entre família e escola] quando se trata de educar uma criança pequena ou um bebê” (acréscimos meus).

Portanto, é importante lembrarmos que “Quando falamos hoje de família, estamos nos referindo a uma realidade multifacetada nos seus propósitos, no seu tempo de interação, nos seus espaços de intervenção e na sua composição.”. (SARMENTO, 2018, p.53). Em razão disso, é preciso – nos processos de adaptação/acolhimento – aos anseios e às angústias não apenas das crianças, mas também de suas famílias.

2.5 PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO

É de fundamental importância entender que a profissão de professora na Educação Infantil, não é como muitos veem, como um fazer materno, ligado somente a cuidados físicos. Ser professor/a de bebês implica formação qualificada, implica um complexo perfil, de grandes responsabilidades, que requer domínio de competências tais como culturais, pedagógicas, metodológicas, além de uma sensibilidade e disponibilidade para com a relação educativa das crianças (BARBOSA, 2010; STACCIOLI, 2013).

O autor, Enzo Catarsi (2013), afirma que o/a docente que atua com bebês precisará adotar uma nova prática educativa, diferente das quais estamos acostumados. Conforme o autor, esta prática deverá ser constituída por três dimensões de competências: 1) competências culturais e psicopedagógicas; 2) competências metodológicas e didáticas; 3) competências relacionais.

Catarsi (2013) afirma que as três competências devem estar presentes de maneira equilibrada na atuação docente, contudo, a última deve ser considerada central na definição de profissão de educadora. O autor considera essencial o trabalho

em equipe dos/as profissionais da escola, onde um coletivo age de maneira colaborativa, criando um clima de diálogo e de ajuda mútua (CATARSI, 2013).

De acordo com Barbosa (2010), o/a professor/a de bebês tem a tarefa de cuidar e educar, trabalhando de modo articulado estas duas dimensões do fazer docente na Educação Infantil. Ela ainda afirma que “educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo” (BARBOSA, 2010, p.5), ou seja, o/a professor/a não deve se basear apenas em documentos, mas também refletir enquanto pensa na prática educativa com e para estas crianças. Segundo Carvalho e Radomski (2017), este é um dos objetivos da docência: refletir sobre o cotidiano a partir das interações com o outro para continuar pensando no fazer docente e pedagógico.

Para um bom desenvolvimento do trabalho docente durante o processo de adaptação/acolhimento,

o professor precisa ser um constante pesquisador para compreender como se dá o processo de adaptação e poder cada vez mais colaborar no bem-estar da criança por estar disposto a procurar entender cada uma como um sujeito único que tem a sua história com seus medos, angústias, emoções, gostos e aos poucos vai constituindo laços de confiança e afetividade para que no trabalho coletivo na escola tenha êxito. (LADWIG E SILVA, 2018, p.07).

Possibilitando desta forma que o processo de adaptação/acolhimento ocorra de maneira flexível e segura, onde possa se criar vínculos, contribuindo significativamente para a mediação realizada pelo/a professor/a e para as aprendizagens desenvolvidas pelas crianças, à medida que se adaptam no novo âmbito.

Por fim, o último ponto a ser tratado neste tópico é a importância da formação continuada. Para a docência com bebês é imprescindível a busca por atualizações a respeito de estudos novos sobre as infâncias. De acordo com Carvalho e Radomski (2017) a formação continuada é essencial para que as professoras possam compreender as múltiplas linguagens. O desafio é reinventar a própria prática pedagógica, o que necessita de constante conhecimento e reflexão.

2.6 ESCOLA

Entende-se que historicamente as escolas de Educação Infantil foram amparadas em um modelo sanitarista e assistencialista, em que sua principal função era servir de local para as famílias (especialmente as mães) deixarem seus filhos para poder trabalhar. Tal concepção, mesmo após inúmeras discussões sobre sua finalidade e reconhecimento de sua função social, política e pedagógica (BARBOSA; RICHTER, 2013), ainda está presente em algumas escolas, onde as práticas docentes reproduzem-se no mesmo modelo de décadas atrás e preocupam-se essencialmente com os aspectos relacionados ao cuidado, mesmo que esses – hoje – venham sendo entendidos como indissociáveis do educar.

Segundo Bujes (2001, p. 15) o surgimento das instituições infantis revela “[...] que se pode perceber é que existiu para justificar o surgimento das escolas infantis uma série de ideias sobre o que constituía uma natureza infantil, que, de certa forma, traçava o destino social das crianças”. Percebendo-se assim que o surgimento das escolas infantis foi marcado também por mudanças no interior da organização familiar, e ao desenvolvimento de concepções voltadas para a compreensão da natureza da criança, considerando-as como indivíduos importantes para a dinâmica em sociedade.

Neste cenário, ainda há escolas que proíbem pais/mães a deixarem seus filhos na sala de aula até mesmo durante a adaptação destas crianças, já há outras instituições onde a adaptação se tornou algo tão corriqueiro do dia a dia que nem se planeja tal momento. Tais condutas demonstram como a escola ainda é vista por muitas famílias as quais a caracterizam como um local restrito para as crianças.

Desta forma, em relação ao papel da escola no processo de adaptação/acolhimento atualmente, os autores Reda e Ujiie (2009, p. 5) destacam que:

Cada instituição de Educação Infantil deve planejar-se para esse processo de adaptação de acordo com as concepções de educação e da criança que direcionam sua prática. Cada instituição tem a sua realidade específica. A função da escola da primeira infância e dos profissionais que nela atuam é receber a criança e para isso é necessário um trabalho cuidadosamente planejado. A instituição deve causar boa impressão, apresentar-se como um ambiente seguro, com um espaço que propicie o desenvolvimento e uma aprendizagem significativa.

Neste contexto, cabe destacar que a organização e o planejamento do ambiente escolar devem ser organizados para promover a adaptação, o acolhimento

e o desenvolvimento, além de ser um local agradável que possibilite a criança se sentir segura e à vontade.

Realizadas estas reflexões de cunho mais teórico ao longo deste capítulo, no próximo busco descrever os caminhos metodológicos percorridos para dar conta de responder a questão de pesquisa e seus objetivos.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo”.

(FREIRE, 1998, p. 32)

O ato de investigar nos leva a um caminho de indagações, visando elaborar discussões e respostas (mesmo que não fechadas) para determinadas questões, encontrando e desenvolvendo diferentes possibilidades e conhecimentos.

Nesses termos, Gerhardt e Silveira (2009) dizem que para iniciar a pesquisa, deve haver uma pergunta a que se deseja responder e problematizar. Há um desejo de compreender algo sobre a realidade em que vivemos. Realidade que está sendo constantemente criada e modificada por nós. Portanto, o problema de pesquisa é o coração da pesquisa, que motiva, dirige, explica e move.

Assim sendo, esta pesquisa, como já destacado em capítulo anterior, teve como intenção responder e discutir o seguinte problema de pesquisa: “Quais as escolhas, reveladas a partir de falas e práticas, que as docentes investem no processo de acolhimento e adaptação de bebês e suas famílias nas instituições de Educação Infantil?”.

Retomo também aqui o objetivo principal deste trabalho, qual seja: conhecer e analisar as práticas, seus sentidos e significados, utilizadas por profissionais que atuam em escolas de Educação Infantil públicas e privadas, no processo de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias.

Desde objetivo principal, ainda, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: 1) identificar as ações e posturas docentes no período de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias; 2) e descrever como se dá a relação com as famílias no processo de adaptação/acolhimento.

Para dar conta de responder à minha questão de pesquisa e para atingir os seus objetivos, na seção a seguir descrevo brevemente as estratégias de pesquisa das quais me vali.

3.1 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NA PRODUÇÃO DOS DADOS

Para uma melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem qualitativa, pois “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHARDT *et al.* 2009, p.32).

Nesta pesquisa de trabalho de conclusão de curso, foi feito inicialmente um levantamento bibliográfico, no qual foram consultados livros, artigos científicos, revistas, dissertações, teses e documentos eletrônicos, visando buscar e alocar conhecimentos de abordagens a respeito do acolhimento e das práticas de adaptação relacionadas a bebês. Os resultados desta pesquisa bibliográfica foram sintetizados no capítulo 2, em que apresentei algumas discussões teóricas que se articulam à pesquisa que desenvolvi.

Além disso, foram realizadas cinco entrevistas com professoras que atuam ou já atuaram junto a berçários em instituições que oferecem a Educação Infantil. Segundo Gil (2008, p. 109), as entrevistas podem ser definidas:

[...] como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Portanto, por meio deste instrumento de produção e geração de dados é possível se obter um melhor esclarecimento no momento em que é realizada, possibilitando uma relação mais direta e flexível com os(as) entrevistados(as).

Nessa direção, é importante aludir Rosa e Arnoldi (2006, p. 17) que argumentam que a entrevista “[...] como meio de coleta de dados [...]” não se trata de uma simples fala, mas sim de uma discussão direcionada a um objetivo específico, onde, por meio de um roteiro leve, o/a entrevistado/a possa discorrer sobre o tema, obtendo assim êxito nos dados a serem utilizados na pesquisa.

Por esse motivo, optou-se pela entrevista semiestruturada, pois permitiu a elaboração de questões abertas que proporcionem uma abertura para reflexões, pois

[...] entrevista é sempre troca, [...] ao mesmo tempo em que coleta informações, o pesquisador oferece ao seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, de refazer seu percurso biográfico, pensar sobre sua cultura, seus valores, a história e as marcas que constituem o grupo social ao qual pertence, as tradições de sua comunidade e de seu povo. Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito

apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las. Fornecendo-nos matéria-prima para nossas pesquisas, nossos informantes estão também refletindo sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. Avaliando seu meio social, ele estará se autoavaliando, se autoafirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando se como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias. (DUARTE, 2004, p. 220)

3.1.1 As entrevistas

A fim de realizar a presente pesquisa foram convidadas 12 professoras de escolas de Educação Infantil, representantes da rede pública e da rede particular de ensino, da cidade de Porto Alegre - RS e Região Metropolitana. As participantes foram selecionadas à medida que possuíam relação direta com os objetivos deste estudo, ou seja, todas atuam ou já tiveram experiência docente em turmas de berçário.

Dessa forma, as entrevistadas foram convidadas a participar do estudo por meio de e-mail, ligação telefônica ou via aplicativo de "WhatsApp". Por uma questão de ética, desde este primeiro contato foi deixado claro para as professoras convidadas que mesmo aceitando em um primeiro momento a participar da entrevista elas poderiam desistir a qualquer hora de participar da mesma, se assim desejassem.

Em seguida, ao aceitarem participar, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), explicando-lhes, com mais detalhes, os objetivos e especificidades da presente pesquisa. Pelo fato de as entrevistas terem sido realizadas virtualmente, a assinatura no TCLE não foi possível, mas durante a conversa todas concordaram com os termos presentes no documento dando ciência para utilização de suas falas.

Das doze convidadas, apenas cinco participaram efetivamente da entrevista. Tal fato pode ter ocorrido pela razão de o convite ter sido realizado em um período conturbado do calendário das instituições de Educação Infantil, qual seja, final de ano letivo, seguido do período de férias coletivas.

Mesmo com algumas já em férias, cinco foram as que de fato responderam à entrevista. Para a realização das entrevistas foi proposto um roteiro (APÊNDICE B) contendo perguntas norteadoras para auxiliar este momento.

A seguir faço uma breve descrição das professoras participantes no que diz respeito ao tempo de atuação, formação, entre outros dados relevantes. É importante destacar que para garantir o anonimato das professoras participantes da pesquisa,

optei por nomeá-las pela letra P (professora), seguida de um número (1-5) conforme a ordem da transcrição das entrevistas.

Quadro 1–Tabela de descrição das entrevistadas

TABELA DE DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTADAS					
Professora	Idade	Formação	Tempo de formação	Tempo de atuação em turmas de berçário	Atual experiência rede privada <u>OU</u> pública
P1	38 anos	Magistério e Pedagogia	Magistério - 18 anos Pedagogia - 4 anos	13 anos	Rede privada e pública
P2	30 anos	Pedagogia, MBA em psicologia organizacional e especialização em educação inclusiva	Pedagogia- 8 anos	1 ano	Rede pública
P3	27 anos	Cursando último semestre de pedagogia	-	3 anos	Rede privada
P4	27 anos	Pedagogia e Pós-graduação em Educação Montessori	Pedagogia- 2 anos	2 anos	Rede privada
P5	41 anos	Magistério	Magistério - 2 meses	8 meses	Rede privada

Ao término das entrevistas, chegando o momento das análises, inspirei-me no referencial de Bardin (2016), que divide este processo em três fases: a pré-análise, exploração do material e o tratamento dos dados.

A pré-análise é a organização do material visando sistematizar e operacionalizar as ideias, sendo assim, as entrevistas foram transcritas em um editor de texto no computador, possibilitando a organização para a próxima etapa, onde organizei as respostas das entrevistadas conforme as perguntas realizadas; facilitando desta forma encontrar o que era recorrente, o que divergia e convergia nas respostas das professoras, permitindo desta forma construir as unidades de análise apresentadas neste trabalho.

Desta forma, no próximo capítulo serão apresentadas as unidades de análises organizadas a partir dos dados obtidos através das entrevistas, buscando estabelecer diálogos e reflexões em consonância com os aspectos teóricos apresentados no capítulo dois.

4 ANÁLISES DA PESQUISA

No presente capítulo apresento as análises realizadas a partir das entrevistas realizadas com as cinco professoras que atuam em berçários. Através da transcrição e da atenta leitura das entrevistas foi elaborado o material para análise que foi organizado em tabelas com as falas das professoras de escolas de Educação Infantil.

Desse modo, para uma melhor compreensão e contextualização do material produzido, dividirei este capítulo em duas unidades de análises: 1) a primeira refere-se às ações e posturas docentes no período de adaptação e acolhimento dos bebês e suas famílias; 2) a segunda diz respeito à relação com as famílias no processo de adaptação.

4.1 AS AÇÕES E POSTURAS DOCENTES NO PERÍODO DE ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO DOS BEBÊS E SUAS FAMÍLIAS

“Durante a adaptação digamos que é a criança que por um vínculo de afinidade acaba escolhendo um educador referência, priorizando o bem-estar das crianças.”

(Entrevista com **P2**. Realizada em 16/01/2023)

A partir das entrevistas é importante retomar o entendimento de adaptação que pode estar vinculado ao entendimento de adaptação da criança ao meio, que tem base numa separação gradual entre família e o bebê. (BOWLBY, 1989).

De acordo com Rapoport e Piccinini (2001, p. 93) “A adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo próprio de cada criança e não impor um período pré-determinado para adaptação”. Nesse sentido, a adaptação do bebê na Educação Infantil requer muita cautela, por isso hoje tem se articulado mais fortemente ainda os temas adaptação e acolhimento.

Inclusive algumas das entrevistadas empregaram o termo acolhimento para se referir à adaptação. Para Staccioli (2013) o acolher é uma competência do adulto, o/a professor/a precisa estar sempre atento a suas atitudes e a seus comportamentos. Um dos pontos ao qual se deve prestar atenção é ao reconhecimento do processo de adaptação/acolhimento como um sujeito de direitos, respeitando as suas individualidades e acolhendo-a.

Desse modo, para realização do acolhimento das crianças, os/as professores/as devem estar realmente dispostos/as a se fazer e refazer no cotidiano, conhecendo as crianças com quem convivem diariamente e acreditando em seus potenciais. Principalmente quando nos referimos aos bebês e as crianças bem pequenas, pois muitos deles/as estão indo pela primeira vez na escola.

4.1.1 Pensando as práticas com bebês durante a adaptação

No decorrer das entrevistas foi possível perceber algumas ações e posturas realizadas pelas professoras que visam atender as necessidades e as peculiaridades de cada um dos bebês. Conforme a professora **P1** menciona sobre o respeito ao tempo das crianças:

“Respeitando o tempo e ritmo de cada criança, fazendo com que ela se sinta segura e acolhida no novo ambiente, calmo, acolhedor e organizado. Dentro do possível tento fazer com que a criança se sinta parte do local em que está.”

(Entrevista com **P1**. Realizada em 16/12/2022)

Nesta direção, Staccioli (2013, p. 133) nos diz que:

O momento da ambientação (ou da adaptação) deve ser tratado com muito cuidado, levando em consideração [...] Respeito aos tempos e modos que cada criança tem ao efetuar essa passagem da situação familiar para a escolar: devemos sempre nos lembrar de que cada criança é diferente e diferentes são suas estratégias para enfrentar e superar os vários momentos de crescimento, por isso, certamente, será negativo prever normas rígidas e iguais para todas. [...] A escola tem um papel importante na ambientação, não apenas porque tem a tarefa de sensibilizar as famílias [...], mas porque deve preparar todas as condições materiais e as situações adequadas para que se possa realizar uma boa adaptação.

As autoras Vitória e Rosseti-Ferreira (1993) mencionam o quanto o/a professor/a e a escola devem estar preparados para poder proporcionar mais flexibilidade no dia a dia de sua sala de aula, incentivando as crianças a explorar este novo ambiente, entendendo também qual o momento de se aproximar e de que maneira fazer para que a criança se sinta confortável e possa estabelecer um vínculo com esta professora, com as demais crianças e com este novo ambiente em que está sendo inserida.

Além disso, nesta fala da entrevistada **P1** podemos perceber a atenção que a mesma dá para o respeito ao tempo do bebê na adaptação. Sabemos que este é o primeiro contato de muitos destes bebês com pessoas de fora do seu círculo familiar, por isso é de suma importância realizarmos uma adaptação/um acolhimento gradual para que a criança se sinta à vontade e confortável neste novo ambiente. Diante disso, é relevante que a escola não estipule prazos para que os bebês e suas famílias se acostumem com a nova rotina, mas respeitem o tempo de cada um deles conforme suas individualidades e necessidades.

Ao tratar ainda sobre como são pensadas as práticas com os bebês durante a adaptação, a entrevistada **P3** relata que na escola onde trabalha:

“Para acolher os bebês, organizamos espaços e contextos de acordo com suas preferências de brincadeira em casa. Por exemplo, se a criança gosta de brincar com objetos sonoros, ofereceremos isso para ela. Se ela gosta de brinquedos de encaixe ou de tecidos, é baseado nisso que vamos preparar o ambiente para recebê-la.”

(Entrevista com **P3**. Realizada em 23/01/2023)

Diante desta fala podemos perceber como **P3** preocupa-se em proporcionar “um ambiente acolhedor e motivador para a criança” (STACCIOLI, 2013, p.26), com intencionalidades. Assim, reconhecendo o bebê como um sujeito de direitos, que necessita de um ambiente que respeite suas individualidades e que o receba singularmente.

4.1.2 No que se fundamentam as práticas

Para pensar nos fundamentos das práticas, primeiramente devemos entender o papel que a professora deve ter na sala de aula, uma vez que é fundamental que ela tenha uma atitude de observadora, permitindo que se aproxime da forma como os bebês se relacionam com o mundo e de como se comunicam. Sabemos que nos primeiros meses/anos de vida não é pela fala, portanto, é necessária uma observação contínua e atenta de gestos, de atitudes, de brincadeiras e de interações, com objetivo de poder fazer uma análise para se pensar o planejamento (BARBOSA, 2010).

A entrevistada **P2** conta que suas práticas estão principalmente fundamentadas no que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas que

“Conforme o tempo vai passando vou observando quais os bebês mais se interessam e desta forma acabo me aprofundando mais nestas, por exemplo, eles amam matérias/brinquedos amados, obviamente trarei mais estes materiais para eles em outras atividades.”

(Entrevista com **P2**. Realizada em 16/01/2023)

Este é um dos olhares atentos que o/a professor/a deve ter com sua turma, proporcionando momentos de aprendizagem com prazer. Outro exemplo que se articula a este olhar é o que a professora **P1** retrata em sua fala ao dizer que durante os momentos de adaptação/acolhimento:

“Procuro sempre propor atividades estimuladoras e que chamem a atenção do bebê, que faça com que ele goste de realiza-las e se sinta seguro e capaz no que está fazendo.”

(Entrevista com **P1**. Realizada em 16/12/2022)

Nessa direção, Carvalho e Radomski (2017, p.46) argumentam que compete a uma peculiaridade da docência com os bebês a oferta de um ambiente que favoreça as “relações dos bebês entre si, com os objetos e com os adultos” e, além disso, considere o “potencial intelectual, emocional, social e moral” das crianças desde o período de adaptação/acolhimento (GARDNER, 1999, P.10).

4.1.3 Quem é o adulto referência na adaptação?

Diante da pergunta que dá título a esta subseção, três das entrevistadas prontamente responderam que o adulto referência para o bebê e sua família é a professora titular da sala, mas a professora **P3** respondeu que o adulto referência para os bebês na sua turma não necessariamente precisa ser a professora titular, uma vez que:

“A escolha do adulto referência dependerá do fortalecimento do vínculo de cada criança com as educadoras, desta forma, quem “escolhe” a referência é a própria criança, e identificamos isso ao longo do processo de adaptação.”

(Entrevista com **P3**. Realizada em 23/01/2023)

Não há um consenso sobre quem deveria ser a referência para este bebê que está chegando à escola, o relevante é que aquele que assuma este lugar para si deve construir junto à criança um vínculo afetivo.

De acordo com Gonzalez-Mena & Eyer (2014, p. 53), “a chave para um cuidado eficaz é uma boa relação”, por este motivo torna-se importante pensar na rotina de cuidados dos bebês, principalmente durante a adaptação, porque este é o momento de maior relação entre a criança e a professora. Portanto, é possível concluir que a resposta dada pela entrevistada **P3** nesta questão se dá por este contato que muitas vezes é realizado mais pelas auxiliares do que propriamente pela professora titular.

De acordo com Rapoport, (2005), os/as docentes devem ter disponibilidade tanto física quanto emocional para trabalharem com bebês, principalmente neste momento de chegada deles à escola de Educação Infantil. A autora ainda afirma que tal trabalho é bastante complexo, porque a professora necessita ser responsiva e recíproca com o bebê o tempo inteiro.

Diante disso, é possível entender porque possivelmente o adulto referência nas adaptações da escola da entrevistada **P3** não é somente a titular. Por se tratar de uma escola pública onde há muitas adaptações que acontecem simultaneamente, a professora titular acaba por dividir tal tarefa com suas auxiliares, diferente da escola da professora **P1**, onde

“A professora titular é a referência para o aluno em adaptação naquele momento. As adaptações são escalonadas para que possa ser mais tranquila e a professora consiga dar a devida atenção durante o processo, isso na rede privada.”

(Entrevista com **P1**. Realizada em 16/12/2022)

De igual forma, o adulto só se torna a referência para o bebê durante sua adaptação se mantiver uma relação afetiva e direta com ele, principalmente nos momentos de cuidado diário onde é possível estabelecer um vínculo entre professora e bebê. Segundo Reda e Ujiie (2009), criar um clima de aproximação, não é algo tão

simples quanto parece. É necessário um olhar afetivo, atento e cuidadoso para entender o que aproxima os bebês dos adultos com quem convive. Conforme as autoras Gonzalez-Mena e Eyer (2014), a professora deve dedicar-se a ter momentos de acolhimento exclusivo e individualizado ao bebê em adaptação, fortalecendo o vínculo que está em construção.

4.1.4 O pedagógico com o cuidado

Ao solicitar que a entrevistada **P2** avalie-se sua prática, a mesma respondeu o seguinte:

“Avalio que minhas práticas neste momento da adaptação estão muito direcionadas ao acolhimento, porque é o que a criança e a família necessitam agora, pois os bebês são muito pequenos, nesta faixa etária a educação vai além do pedagógico, pois a questão do cuidado é muito forte; desta forma tento equilibrar o pedagógico com o cuidado.”

(Entrevista com **P2**. Realizada em 16/01/2023)

Diante de sua resposta, me surpreendo por ela ser a única a destacar a questão do cuidado, trazendo em sua fala a afirmação de que a educação vai além do pedagógico. Nessa direção, Barbosa, (2010) afirma que ao falarmos de docência com bebês, é impossível separar o cuidar do educar. A principal tarefa desta pedagogia dos pequenos é articular a teoria da educação e do cuidado, transformando estas conjuntamente em um fazer docente que respeite os bebês e seus direitos.

Assim sendo, a profissão docente na Educação Infantil não é exatamente como muitos ainda equivocadamente imaginam, como um fazer “materno”, ligado somente aos cuidados físicos, mas sim uma construção de profissional que exige para também competências teóricas, metodológicas e relacionais (BARBOSA, 2010).

4.2 RELAÇÕES COM AS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO

“Em relação à família, também procuro dar atenção e conhecer um pouquinho de como é o ambiente familiar do bebê, mostrando que podem ter confiança no trabalho que a equipe do Berçário está propondo e que o ambiente é acolhedor e seguro.”

(Entrevista com **P1**. Realizada em 16/12/2022)

Quando se fala no ingresso do bebê à escola de Educação Infantil e no processo de adaptação/acolhimento, é imprescindível pensar na relação e também na adaptação desta família que chega junto com a criança na escola.

Sobre isso, Barbosa (2010, p.10) pontua que:

não é apenas uma criança que a escola de Educação Infantil irá acolher, mas toda uma família [...] assim, acolher uma criança na creche exige, dos profissionais, atenção, competência e sensibilidade nas relações com os bebês e suas famílias.

Articulando o que nos traz essa citação e a fala que inicia esta seção é perceptível que a professora **P1** reconhece a importância não só da adaptação e do acolhimento dos bebês que chegam à escola, mas também da adaptação e do acolhimento de suas famílias.

4.2.1 Inclusão da família no processo de adaptação

De acordo com Bove (2002), devemos incluir os familiares no processo de adaptação/acolhimento do bebê na escola, pois desta forma estaremos contribuindo para que este bebê se sinta seguro neste novo ambiente, da mesma forma que ajudamos os pais a adaptarem-se a esta situação que muitas vezes é nova para eles também.

A autora, ainda, cita estudos de Emiliani, Gelati e Molinari (1989), onde afirma que “o bem-estar da criança está intimamente ligado ao bem-estar da mãe [ou da pessoa que a cuida] e ao apoio do pai, da família ampliada e das instituições” (BOVE, 2002, p.139, acréscimos meus).

Assim sendo, trago a fala da professora **P1** que retrata este cuidado e acolhimento das famílias no processo de adaptação/acolhimento:

“Além do bebê, a família também precisa de acolhimento, pois muitas vezes, o bebê fica bem, mas os pais sofrem com a separação. Durante todos os meus anos de experiência com o Berçário, posso dizer com muita certeza, que o processo de adaptação só tem êxito se a família, juntamente com a escola, andarem de mãos dadas, para que o bebê tenha segurança no seu ingresso para a vida escolar.”

(Entrevista com **P1**. Realizada em 16/12/2022)

Além disso, é importante destacar na fala da professora o quanto a família interfere no processo de adaptação/acolhimento da criança. Caso a família não esteja plenamente segura e confiante na professora e na instituição a qual estão deixando seu filho, a criança provavelmente sentirá. Neste sentido, Barbosa (2010, p.10) discorre que:

Para as crianças, especialmente os bebês, os primeiros dias de frequência à creche é uma fase de grande mudança e elas precisam de um ambiente que lhe ofereça segurança emocional, acolhimento, atenção. As crianças logo reconhecem a confiança que seus pais depositam na escola e nas professoras, assim, o trabalho de inserção das crianças na creche passa, necessariamente, pela relação de confiança entre pais e professores.

Ademais, esta relação de confiança inicia-se antes mesmo do bebê ingressar na escola de Educação Infantil, já nos primeiros contatos com esta família, que podem ser nas visitas, durante uma entrevista ou nas primeiras reuniões.

Os/as professores/as e a escola devem ser receptivos a esta nova família, construindo relação tranquila, amigável e de parceria. Tais ações devem permanecer durante todo o processo de adaptação/acolhimento desta família e deste bebê. É imprescindível manter a família informada sobre como está sendo este processo de inserção da criança na escola, comunicando suas experiências e vivências, tranquilizando-a e mostrando como seu bebê já está construindo novas relações e novos aprendizados (STACCIOLI, 2013).

De acordo com Rapoport e Piccinini (2001) a forma como se realiza esta adaptação influenciará as reações do bebê durante o processo. Por este motivo é importante que a família esteja presente com a criança neste primeiro contato com a escola para que ela possa explorar o novo ambiente e construir novas relações.

Como nos fala a professora **P4**:

“É sempre muito conversado e explicado para as famílias como será o processo de adaptação. Geralmente as famílias ficam junto nos primeiros dias e depois ficam em uma sala separada.”

(Entrevista com **P4**. Realizada em 25/01/2023)

Ainda conforme a fala da entrevistada **P4**, Oliveira (2003) orienta que para haver menos ansiedade e insegurança é aconselhável que a família permaneça na sala referência por algum tempo para observar as reações de seu filho, podendo acompanhar suas interações e explorações. Além disso, é relevante que tenham reuniões com os/as professores/as para poderem conversar sobre suas inseguranças e conhecer a escola e sua proposta pedagógica.

4.2.2 Dificuldades em relação à família no processo de adaptação e acolhimento

Ao perguntarmos para uma professora sobre as dificuldades enfrentadas em relação às famílias no processo de adaptação é muito comum ouvirmos a seguinte resposta:

“Existe a questão do desvincular principalmente com a mãe, pois este momento normalmente é bem difícil para a mãe.”

(Entrevista com **P2**. Realizada em 16/01/2023)

Ao tratar sobre a relação da família com a creche, Oliveira (2003) diz que uma mãe ao colocar seu filho na escola sente culpa, ao mesmo tempo que sente alívio (mesclado com a alegria e aflição), porque para ela este será o momento de dividir o cuidado do filho. Segundo Rapoport e Piccinini (2001) tal fato acontece já que com a entrada do filho na escola, a família acaba se sentindo insegura, tornando difícil para esta família deixar seu filho na escola aos cuidados de outras pessoas.

Por outro lado, há os pais que não compreendem a importância de uma adaptação gradual, como conta a entrevista **P2**:

“Este ano inclusive tivemos uma situação que vem se tornando normal onde a família não queria que a criança fizesse adaptação, queriam que ela já ficasse o dia inteiro direto, somente após 3 reuniões (conversas) foi que a mãe aceitou realizar a adaptação do bebê de um ano.”

(Entrevista com **P2**. Realizada em 16/01/2023)

Para a autora Abeleira (2008) é importante que este processo ocorra gradualmente, pois na adaptação deve ocorrer uma separação gradativa do bebê dos seus pais e do seu ambiente familiar, iniciando-se por algumas horas, pois neste período a criança terá que enfrentar a convivência com um ambiente novo, pessoas desconhecidas e uma rotina diferente da qual está acostumada.

Infelizmente a realidade relatada pela entrevista **P2** está cada vez mais comum, pois muitos pais precisam trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos, o que acaba fazendo-os tomarem decisões difíceis como a de pedir que seu filho já fique na escola direto sem nem passar pela adaptação.

A seguir, no último capítulo deste trabalho, trago as considerações finais sobre esta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho visei responder questionamentos que me surgiram tanto durante o curso de licenciatura em Pedagogia, como durante os oito anos trabalhando na educação infantil quando presenciei muitos processos de adaptação/acolhimento. Cada um destes processos com suas particularidades, mas que sempre faziam-me questionar a respeito de como se dava as práticas das professoras responsáveis por eles. A partir deste e de outros questionamentos, é que escolhi a temática desta pesquisa que é voltada para o processo de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias às escolas de Educação Infantil tanto públicas, como privadas.

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo geral “Conhecer e analisar as práticas, seus sentidos e significados, utilizadas por profissionais que atuam em escolas de Educação Infantil públicas e privadas, no processo de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias”. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento do trabalho pode se dizer que foi constatado que tal objetivo foi alcançado dentro das limitações da presente pesquisa, por ser possível conhecer e analisar as práticas das professoras participantes.

A partir deste objetivo principal, ainda procurei dar foco a dois objetivos específicos, quais sejam: 1) identificar as ações e posturas docentes no período de adaptação/acolhimento de bebês e suas famílias; 2) e descrever como se dá a relação com as famílias no processo de adaptação/acolhimento. Durante a pesquisa estes acabaram por se transformar nas duas unidades de análises nas quais tive o prazer de refletir e escrever a partir da contribuição de cada professora que participou como entrevistada deste trabalho, articulando com teóricos que se dedicam a pesquisar e a problematizar a respeito da temática desta pesquisa.

Ademais, a contribuição de cada professora, permitiu que a discussão apresentada no capítulo de análise fosse além do que imaginava, trazendo inúmeros pontos a refletir sobre as práticas, posturas e formas de relacionamentos com as famílias nos momentos de adaptação e acolhimento. Isso torna possível que nós, enquanto docentes da Educação Infantil, tenhamos a possibilidade de refletirmos sobre como devemos lidar frente a adaptação e o acolhimento não somente dos bebês, mas de suas famílias.

Para realização deste trabalho utilizei como base a pesquisa de abordagem qualitativa, a partir de um levantamento bibliográfico e da realização de entrevistas

semiestruturadas com cinco professoras que atuam ou atuaram em turmas de berçário durante o processo de adaptação/acolhimento, da rede pública e da rede privada.

Durante esta pesquisa houve uma limitação, que foi a dificuldade de entrar em contato com professoras, pois as mesmas estavam em um período de final de ano escolar, onde há diversas demandas para serem supridas nas escolas, por este motivo das doze convidadas somente cinco realmente acabaram participando das entrevistas.

Os estudos e relações realizadas nesta pesquisa contribuem para uma melhor compreensão do processo de adaptação/acolhimento perante as falas das professoras, mas revelam que ainda é preciso estudar e investigar a fundo este momento tão importante para os bebês e para as suas famílias, facilitando a entrada destes a Educação Infantil. Além disso, novas pesquisas poderiam ser realizadas aprofundando a temática a respeito da importância da relação da professora e da escola com as famílias destes bebês que chegam à Educação Infantil cada vez mais cedo, por inúmeros motivos.

Desta forma, espero que as reflexões trazidas durante este trabalho possam contribuir com novas pesquisas e desdobramentos a respeito da adaptação e do acolhimento de bebês e suas famílias na instituição de Educação Infantil. Além disso, espero que a mesma possa trazer informações que sejam relevantes não somente para professores/as ou estudantes de Pedagogia, mas também para as famílias que estão passando ou passaram por tal processo.

REFERÊNCIAS

- ABELEIRA, Maria Isabel Reis. **Processo de adaptação Escolar na Instituição de Educação Infantil** (2008). Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/165.pdf> Acesso em: 14 de set. 2022
- ADAPTAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/adaptacao/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BARBOSA, Maria Carmen da Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. MEC: Consultoria Pública, 2010.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Simonis Sandra. **Creche**: uma estranha no ninho educacional. *Dialogia*, São Paulo, n.17, p. 213-222, nov. 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOVE, Chiara. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: **Bambini: a abordagem italiana à Educação Infantil** / organizado por Lella Gandini e Carolyn Edwards; trad. Daniel Etcheverry Burguño. - Porto Alegre: Artmed, 2002.
- Bowlby, John. (1989). **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego (S. M. Barros, Trad.). PortoAlegre:Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1988)
- BUJES, Maria Isabel E. Escola Infantil: pra que te quero. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de. RADOMSKI, LidianneLaizi. **Imagens da docência com bebês**: problematizando narrativas de professoras de creche. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v.22, n.44, p.41-59, jan./abr. 2017
- CATARSI, Enzo. As competências relacionais do professor na escola do acolhimento. In: **Diário do acolhimento na escola da infância**. / Gianfranco Staccioli; tradução (do italiano) Fernanda Ortale&llse Paschoal Moreira. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- CRAIDY, Carmem Maria. Educação Infantil e as Novas Definições da Legislação. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (org.). **Educação Infantil: Pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. cap. 2, p. 23-26. ISBN 85-7307-770-0.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, v. 20, n. 24, p. 213–225, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARDNER, Howard. Perspectivas complementares sobre Reggio Emilia. In: **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância / 52 Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman; trad. Dayse Batista. – Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999, pg. 9-12

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ-MENA, Janet. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche**: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas / Janet Gonzalez-Mena, Dianne WidmeyerEyer ; tradução: Gabriela Wondracek Link ; revisão técnica: Tânia Ramos Fortuna. – 9. ed. – Porto Alegre: AMGH, 2014

LADWIG, Vânia Kunzle; SILVA, Sidmara Pedroso Blaszak da. **Adaptação: Processo Que Exige Acolhimento E Confiança**. 2018. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2018/5%20-%20Mostra%20de%20Trabalhos%20de%20Prof.%20da%20rede/Trabalhos%20Completo/ADAPTA%C3%87%C3%83O%20PROCESSO%20QUE%20EXIGE%20ACOLHIMENTO%20E%20CONFIAN%C3%87A.pdf>. Acesso em 06 jun. 2022.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes. **A relação creche- família**. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes. *Creches: crianças, Faz de conta e cia*. Petr[opolis: Vozes. 2003.

ORTIZ, Cisele. **Entre adaptar-se e ser acolhido**. AvisaLá, [s. l.], 11 jan. 2000. Disponível em: <https://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/entre-adaptar-se-e-ser-acolhido/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed., Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

RAPOPORT, A; PICCININI, C.A. **O ingresso e Adaptação de Bebês e crianças pequenas a creche**: Alguns Aspectos Críticos. Dissertação de mestrado apresentado no programa de pós-graduação em psicologia do desenvolvimento dá UFRGS, Porto Alegre, RS. 2001.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância da atenção de pais e educadores / Andrea Rapoport. – Porto Alegre: Mediação, 2005.

RAPOPORT, Andrea. A importância do período de adaptação. In: RAPOPORT, Andrea et al. **O dia a dia na Educação Infantil**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

REDA, MaysaaGhassan; UJIE, Nájela Tavares. **A Educação Infantil E O Processo De Adaptação**: As Concepções de Educadoras da Infância. 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2496_1090.pdf>. Acesso em 05 jun. 2022.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Grupo Autêntica, 2006. E-book. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582178768/>. Acesso em: 03 ago. 2022.

SARMENTO, Teresa. A criança entre - lugares: na família e na escola. In: FILHO, Altino José Martins; DORNELLES, Leni Vieira (org.). **Lugar da criança na escola e na infância**: a participação e o protagonismo infantil. Porto Alegre: Mediação, 2018. cap. 3.

STACCIOLI, Gianfranco. Diário de acolhimento na escola da infância / Gianfranco Staccioli; tradução (do italiano) Fernanda Ortale&Ilse Paschoal Moreira. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013. – (Coleção formação de professores. Série Educação Infantil em movimento).

VITORIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Processos de adaptação na creche. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 86, 1993. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/939>. Acesso em: 20 de fev. 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista:

Dados pessoais:

1. Nome:
2. Idade:
3. Qual a sua formação?
4. Em que instituição você obteve sua formação e em quanto tempo concluiu o curso? Você estudava e trabalhava? Se sim, trabalhava em que área?
5. Como ocorreu sua escolha pelo curso de Pedagogia/área da Educação?
6. Com que idade iniciou seu contato com a área da Educação? (Antes/durante a faculdade/curso)

Dados profissionais:

1. Qual é o seu tempo de experiência atuando como professora em turmas de berçário?
2. A sua atual experiência na docência é na rede privada ou pública?
3. Há quanto tempo você trabalha nesta instituição?
4. Como está organizada a rotina do berçário em que atua e qual a sua participação nela? (carga horária, se há tempo livre durante a jornada de trabalho para realização de planejamentos pedagógicos, etc.);
5. Quantas crianças há na sua turma de berçário?
6. Quantas Professoras/Educadoras assistentes/Estagiárias há em sua turma?

Sobre a adaptação:

1. Como está organizada na sua escola a adaptação dos bebês?
2. Como está montada a equipe do berçário?
3. Quem realiza as adaptações: professoras e/ou assistentes?
4. Existe um educador referência para cada criança e sua família durante o processo de acolhimento/adaptação?
5. Como é realizada a distribuição de tarefas entre a professora, as educadoras assistentes/estagiárias durante a adaptação dos bebês?
6. Como é a participação das famílias no processo de adaptação? Há dificuldades enfrentadas com as famílias neste processo? Se sim, quais?

7. Como são pensadas as práticas com os bebês durante a adaptação?
8. Quais as origens destas práticas? Elas estão fundamentadas em práticas de sucesso em exercício há tempos na instituição?
9. Suas práticas docentes na adaptação de bebês são fundamentadas em algum aporte teórico? Se sim, quais?
10. De que forma este aporte teórico é posto em prática na sua sala de aula?
11. As práticas utilizadas são indicadas pelos repertórios da equipe da escola e/ou atendem orientações vindas da Secretaria de Educação do município, por exemplo?
12. Como você avalia suas escolhas a respeito das práticas que implementa para a adaptação dos bebês e suas famílias?

*Conte-me mais um pouco sobre as suas histórias de êxito, de fracasso e seus contextos, no que diz respeito às suas práticas no processo de adaptação dos bebês e suas famílias.

APÊNDICE B –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A proposta de pesquisa que pretendo realizar, na condição de aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é intitulada: O processo de adaptação de bebês e suas famílias em escolas de Educação Infantil públicas e privadas. A pesquisa tem como objetivo entender o que leva as professoras a escolherem determinadas praticas no momento de adaptação dos bebês e suas famílias quando chegam a escola. Para tanto, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com professoras atuantes em berçários, de escolas públicas e privadas, da rede de ensino de Porto Alegre e região metropolitana.

Assim, com o consentimento e autorização da professora _____, pretendo gravar as respostas referente à entrevista semiestruturada, tendo em vista a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desse modo, comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho e informo que o sigilo será totalmente preservado, ou seja, não serão mencionados o nome da escola, crianças e professoras nos dados que serão apresentados no TCC ou em qualquer outra publicação decorrente do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, esclareço que essa pesquisa não oferece risco ou prejuízo aos envolvidos.

Como responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder a esclarecer qualquer dúvida que o/a participante venha a ter no momento do trabalho investigativo ou sempre que julgar necessário, através do fone XXXXXXXX ou pelo endereço eletrônico XXXXXXXXXXXXXXXX.

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido as minhas dúvidas, eu _____, autorizo a gravação das respostas à entrevista e utilização da mesma como dados do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Aline Melo de Almeida Medeiro.

Porto Alegre, ____de dezembro de 2022.

Assinatura da professora

Assinatura da acadêmica